



Carne de carnaval

Desorganização: Eduardo Guimarães



O termo não é bandeira, é pavilhão. A diferença é que o pavilhão carrega não apenas a identidade de uma agremiação, mas toda a sua história



I. cantos da carne

“carne

de carnaval”, ele disse com dentes de fazer sambar gostoso os miolos da gente. e eu nem precisei piscar pra dizer eu quero. a verdade

é que eu sempre quis

provar daqueles comprimidinhos que ele tomava com a cerveja. mas-mas-mas. mas é que tem sempre o corpo querendo tudo pra si. e tudo é o mundo.

verdade mesmo é que me deu um tesão louco aquele branco tipo flúor-e-cogate dos seus dentes e aí eu brochei. broxei pra porra dos comprimidinhos porque

e se eu tomasse e perdesse o melhor da festa? e o melhor da festa seriam os seus caninos fincados no meu pescoço suas unhas apertando meus mamilos bem na hora em que a bateria voltasse do recuo

mas o pior é que o melhor da festa não tinha garantia nenhuma porque ele disse “carne de carnaval” mas não pra mim. foi pra uma galera, uns quinze pelo menos, e eu nem sabia sobre o que conversavam. eu só tava ali no rolê entre um bloco e outro, uma breja e um

beijo. enfim, eu parei ali e tava com o dedo meio que assim enfiado na bunda arrancando uma lantejoulá maldita quando ele falou e as palavras escor

regaram pelo peito todo dourado de purpurina. e minha avó dizia que as melhores palavras são essas finíssimas. que não pesam nos dedos...

mas o maluco era mesmo aquele tesão fudido desses de molhar as pernas e a gaviões

ah a gaviões ainda tava na concentração. então comecei a querer aquela carne que já era

minha. “minha o quê?” ele disse e eu “minha fantasiiiiiaaa... você tá pisando na minha fan-ta-si-aa!”, eu gritei

“do que você tá falando?! que fantasia?”

“de carnaval ué”, gritei

de novo, porque o puxador tava dando o tom. vamo-vamo-bora-bora-pra-frente-não-para-e-etc-e-etc. ele riu. “não to entendendo. qualé sua fantasia? eu não pisei em nada”... e eu queria dizer algo do tipo minha-fantasia-é-você mas sei que ele iria cortar. *piegas. desnecessário. não acrescenta nada.* ele ia dizer e com certeza eu iria querer acabar logo o texto. perder o tesão ou pior: seilá... então não disse. não

disse pra ele não cortar. assim eu fico escrevendo ~~enquanto ele tá lá me surfando. eu aqui com a areia colada no dedo o biquíni entalado na bunda doida pra foder com ele com o mar co'a onda~~ e então eu continuei porque era a hora da fome “de pavo! você tá pisando na minha fantasia de pavo. olha a pena! você pisou numa pena... sabe qualé? e pena dói.” aí acho que ele sacou. às vezes

demora.

então a gente curte o sol na língua. e vai dessalgando devagar que nem ideia rara, sem máscara nem nada

de palavra. “mas não tô vendo essa tal pena aí. tá é onde?”

era a minha deixa:

“tá debaixo da carne. carne

de carnaval” eu disse sambando gostoso na língua dele e aí ele pirou. porque não tinha me visto ali no rolê. acho que pensou que era coisa do destino, onda do astral, sintonia, verossimilhança, seilá essas coisas todas que a gente pensa pra dar uma bombada na ficção do encontro. e a gente até ia rir junto mas passou uma bailarina um às de copas e um rei de paus e duas mãos me empurrando as costas e minhas pernas já tantas e tontas tropeçando em si mesmas. ~~a gente sempre tropeça quando esquece de dançar.~~ pensamento purpurina. minha avó. eu bem criança escovando os dentes. havia um pavão naquele zoológico e. eu fiquei com medo da beleza dele. e nunca mais depois daquela onda. dizem que foi capricho de iemanjá. vamo-vamo-bora-bora-pra-frente-não-deixa-parar-e-etc-e-etc-e-etc. mais de mil palhaços

no balcão. uma breja e um bei
dispersão
toda molhada. cansada. serpentina entalada no vão dos seios.
kundalini
de papel. ~~o mundo se move em câmera lenta quando a gente para~~
pra respirar. “desculpa aí”
“desculpa o quê?”
“de pisar assim nessa sua fantasia”
“que fantasia? eu não to usando nada”
“peladinha... é assim que eu gosto de você: pe-la-di-nha”
cara imbecil. pensei cortar. principalmente os dentes que nem
eram tão brancos. ou o peito. tinha uma placa de perigo fincada
nele. algumas ondas. memento mori tatuado no pulso. era outro.
mais um. todos
os mesmos. minha avó dizia que o melhor a festa era a festa. o
pior, a lembrança. mas usava o verbo no passado. incoerente.
~~minha avó não tinha verossimilhança e cortava minhas unhas.~~
~~mas elas cresciam de novo.~~ signo teimoso. dizem que foi capri-
cho. de mãe-iemanjá. quase vó de tão velha. a fome roncando no
plexo solar. aquelas penas todas entaladas na bunda do pavão.
beleza de doer nos olhos. paralisar os dedos. e os dedos dele nos
vãos do
meu texto
arrancando confetes. aspirando fundo duas carreiras de letras.
vamo-vamo-bora-bora-pra-frente-não-pode-parar. “tá bem
tá bem. mas não vai me cortar” e isso eu só pensei. pensei com
aspas. mas não disse. nem escrevi
já tava toda retalhada mesmo. só que não se via
sob a fantasia. “agora”
acho que dissemos. ~~juntos~~. afinal era tudo carne

e carnaval

umbigo de cinzas

Ela desfilava livre pelos paralelepípedos daquela cidade
com menos de três mil gentes.
Com seu shortinho da bad boy e top emprestado da amiga
dançava axé até o chão sem dar
conta de si. Ignorava juízes de valores, aliás nem nisso havia sido
letrada ainda. Não era
mulher adulta, estava saindo do casulo. Treinando asas.
A adolescência é isso, acontecimentos desconexos que viram
ressaca debalalaika no dia seguinte e seguinte.
Para as mulheres a ressaca é moral.
No quarto dia, a sua folia foi apagada com o cigarro na barriga.
O homem-bebida protestava que a menina era posse dele.
Balela, ela quis logo se livrar da chama. Sabia pouco, mas ser
posse de um homem-bebida era
tudo que não era. Empurrou, quis sair do cerco,
mas não tinha forças. Contra um homem,
mulher vira flor, queimada, despedaçada e pisada. Aos berros,
pediu ajuda para soltar-se. Pega
pela vagina, foi arrastada entre os foliões que seguiam
o trem da violência.
Soltou-se e continuou a bailar. Afinal, não era assim a vida, cheia
de marcas do cigarro na
barriga que duram dias, talvez memórias?
A menina não ia atrás de beijos, mas de descobrimentos
e descobria que carnaval não era
local para mulheres dançarem. A não ser que vez ou outra
aceitasse a condição de cinzas



marola

E se as ondas me prendessem? Nunca tão solta, tão mar, e por isso atada. O mundo pronto para me tragar e eu submersa na euforia da madrugada de quarta-feira. Tentada a desfazer malas, cancelar planos, ficar. A seu lado. Do lado do sol. Da praia que desperta grão a grão. Do vestido disforme na areia.

Os primeiros rostos da manhã invadindo nosso território cavado na água salgada. Guto dançando na rebentação. E nós dois suspensos no oceano, cegos de tanto nos ver, despidos de olhos alheios. Repletos dos dias que foram o início do fim.

O corte no joelho já nem parece existir. Enfim, o que resolveu foi banho de mar. O mais longo banho de mar. Não funcionou, a vodka sobre o sangue. O tio disse: joga, é álcool, vai limpar. Mas só ardeu mais. Música alta, saliva, empurrões e o machucado latejando. Estava errado, o tio.

Dobraram o vergalhão sobre a calçada para rasgar quem passasse? Lembrança metálica do Carnaval paulistano.

Seria melhor ter vindo antes. Se bem que tem limite. Satura, tanto sal. Quando chegamos, eu mal via seu rosto. Agora essa luz que reflete nos dentes. Mas a água ainda fresca... E os cílios cobertos de orvalho.

Já muita gente na praia. Carrancas. Nos veem, eu, você e Guto. Que olhem. O melhor fim de festa. De nós dois. Porque vou mesmo. Nem você quer que eu fique; você não sabe, só eu sei. Essa gana é também por termos prazo para acabar. Mantemos o programado. Guto não está bem.

Só um último mergulho e vamos, pingando pela estrada.

Você ajuda Guto a levantar?

Algodão enrosca no corpo molhado, os botões não alcançam as casas. Se eu soubesse que viríamos, tinha trazido toalha. Mas nossos rumos são assim. Acontecem. Aposto que sua mãe nem deu falta do carro. Engraçado foi seu primo nos acompanhar até aqui. Quatro dias na multidão dos blocos e, quando escapamos, ele vem junto. Na despedida de nós dois. O resto da semana não conta,

será limbo.

Gotas na pele evaporam rápido, mas a calcinha encharcada vai me incomodar até São Paulo. Se você encostar, desço e jogo no lixo.

O que a gente tem não seca, Vi.

Nos veremos sempre, duas férias por ano, Carnaval, Corpus Christi, Semana Santa. Mentira. Não posso deixar que você me pese. Logo vamos esquecer. Eu pelo menos vou. Ou esqueceria se tivesse tempo. Porque morremos hoje.

Não entendo mais do que seu pânico. Guto nem abre os olhos enquanto pairamos como ondas macias depois da rebentação. Desviamos para a encosta salpicada de marias-sem-vergonha. Tocadas, elas explodem suas bolsinhas intumescidas de sementes e se arremessam para a posteridade.

Sua mãe não vai gostar de ver o banco molhado

a morte do amor

o amor morreu sob a marquise, embaixo do calçamento, nas galerias úmidas do subsolo da cidade. esgotado, o amor morreu na margem do rio, na areia da praia, na beira do lago, no fundo do poço. que sufoco, é carnaval e o amor morreu na cena do beijo, com a língua nos dentes, a boca marcada na véspera do escarro. coisa louca, o amor morreu no meio do caminho, em plena avenida, ainda moço, na flor da idade. não teve ferida, não teve ocorrido, não teve socorro. há quem diga foi assassinato, crime passionnal, treze tiros na barriga. há quem diga suicídio, uma dose a mais de todos os comprimidos. por que tanta risada? por que tanto segredo? por que tanta ruindade? o amor morreu usando peruca, documento falso, vestido emprestado, maquiagem barata. caso encerrado, o amor morreu porque quis, se dissolveu no copo d'água feito um pedaço de giz. não olhou para trás, não deixou bilhete, não fez último pedido, só queria mesmo ser feliz – mas nem todo mundo tem essa coragem! o amor morreu no dia da partida, no portão da garagem, na hora do adeus. quando menos se esperava, o amor morreu, e morreu de lábio cerrado, de punho fechado, de cara amarrada, não se deu por vencido. ó cristo, quanta lucidez, o amor morreu com brilho nos olhos, fogo nas ventas, o diabo no corpo. morreu sem avisar mulheres e crianças, morreu sem escrever um poema, morreu sem plantar uma árvore, morreu sem confessar os pecados – raios, é noite de chuva, e o amor morreu soterrado na encosta do morro, enxurrada de lama, tragédia e dor! santa insensatez, o amor não deixou filhos, viúva, herança, amigos, saudades, nada. e foi-se embora antes do sol nascer, antes da onda estourar, antes do chão tremer, do sol cair, o céu se abrir e a quarta-feira de cinzas chegar. ai coração, que ironia, o amor morreu sem ficar doente, sem consultar um médico, sem parar no hospital. não teve infarto, não teve derrame, não teve cirrose – um brinde! o amor morreu sem algazarra, não soltou rojão, não deu festa de arromba, não fez batuque na tampa do caixão. era silêncio, e o amor morreu solitário, cercado pela multidão, caído

no passeio público, notícia na televisão. mas não chamaram os bombeiros, não veio um advogado, não recebeu a extrema unção. foi tudo muito rápido. há quem pense deus escreve certo por linhas tortas. há quem veja o bastante em nada pensar. por que tanto mistério? por que tanta história? por que tanto estrondo? droga, o amor morreu, e pronto!